

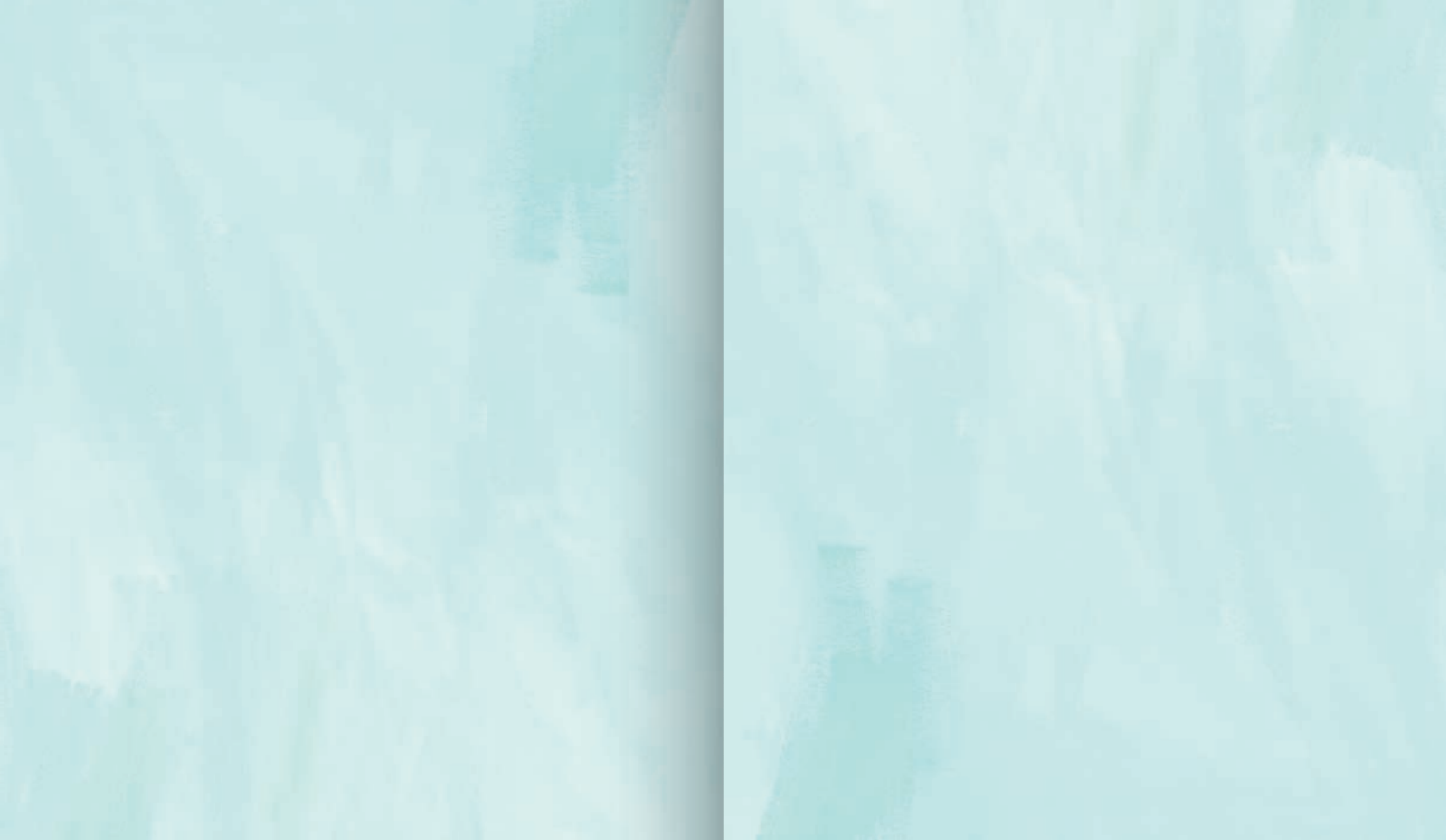
NÃO-ME-TOQUE

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES



NÃO-ME-TOQUE

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS

ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES

São Paulo 2015



Educação que transforma

Segundo dados do Ministério da Educação, a falta de recursos em escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social no Brasil ainda é uma realidade, apesar dos avanços. Além de trabalhar para ser parceira da agricultura nacional, a Monsanto busca contribuir com o desenvolvimento da sociedade brasileira como um todo, principalmente das comunidades onde atua.

E é exatamente isso que faz o projeto A cidade da gente, apoiado pela empresa. A iniciativa viajou por cidades brasileiras e levou alunos da rede pública aos principais núcleos históricos e pontos turísticos de seus municípios, tendo como resultado a publicação de uma série de livros. As impressões coletadas e retratadas pelo autor José Santos em Não-Me-Toque dão vida a este livro.

Conhecer a história do lugar em que se vive é mergulhar na própria origem. Nosso compromisso é tornar as crianças protagonistas de sua história, contribuindo com o desenvolvimento da educação do Brasil.

A contribuição responsável está no DNA da Monsanto. Somos uma empresa agrícola que desenvolve soluções integradas e seguras para auxiliar no avanço responsável da agricultura e da produção de alimentos, mas também investe continuamente em estimular e difundir práticas de desenvolvimento social, pois acreditamos no equilíbrio social, ambiental e econômico. Assim reforçamos nosso compromisso com o desenvolvimento da agricultura brasileira, com responsabilidade e sustentabilidade.

Nas próximas páginas, você acompanha os resultados deste trabalho.

Monsanto

Apresentação

Valorizar a própria história é um trampolim para a autoestima e a realização pessoal. Com esse norte, a coleção A cidade da gente investiga a história e o cotidiano de pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com as crianças e professores de escolas públicas locais. O resultado são livros infantojuvenis que prometem se tornar importantes referências de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente onde vivem.

O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de interação do autor, o escritor José Santos, com a comunidade das Escolas Municipais de Não-Me-Toque, misturando memória e literatura. E o encontro continuou na página eletrônica do projeto, na qual, além das redações dos alunos, há uma série de sugestões para a investigação dos temas locais em sala de aula.

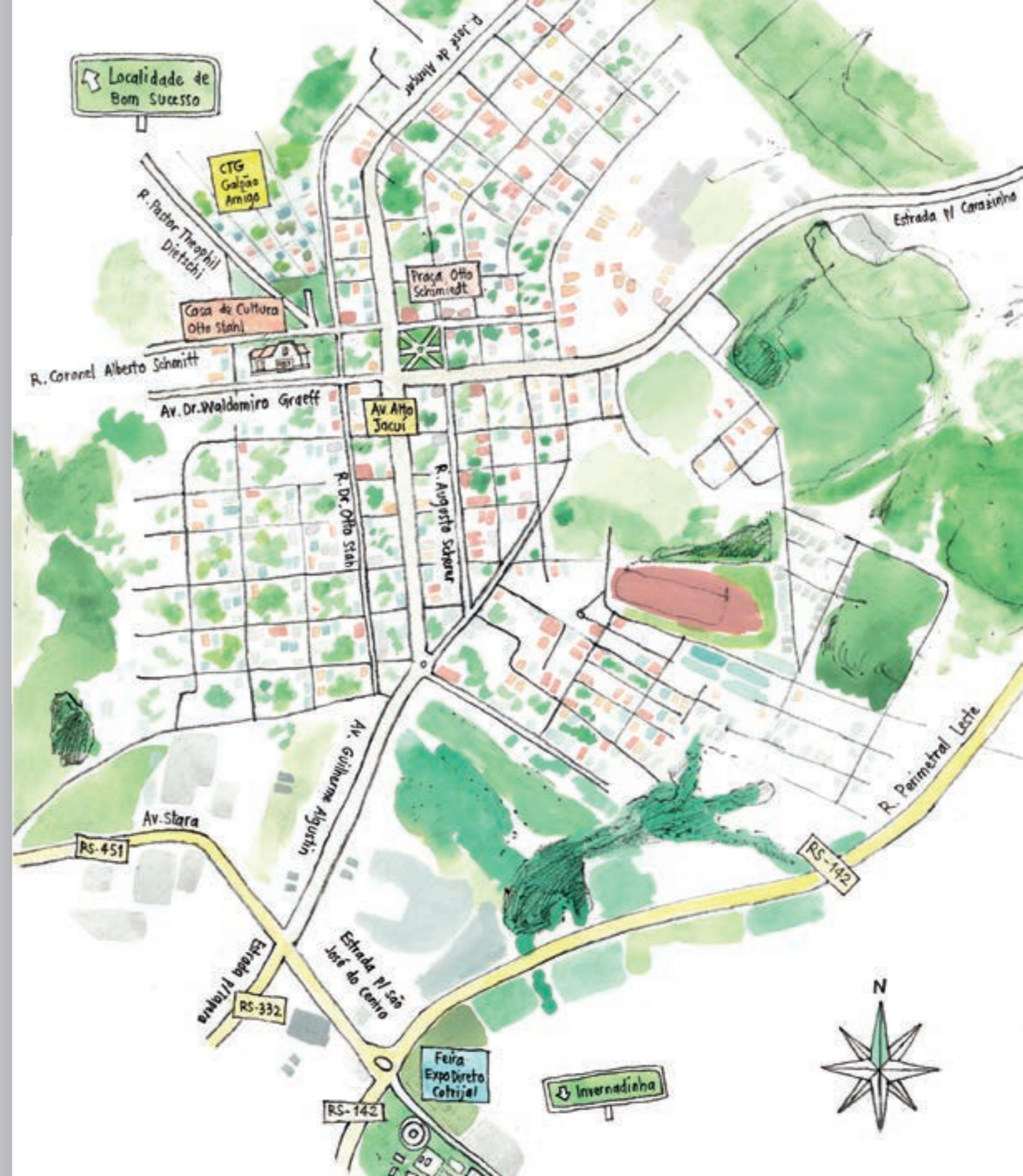
O patrocínio da Monsanto e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Não-Me-Toque foram fundamentais para o livro e a distribuição de sua tiragem inteira, gratuitamente, na rede pública de ensino da cidade.

Boa leitura.



Sumário

- 10 Avenida Alto Jacuí
- 16 Casa da Cultura Dr. Otto Stahl
- 24 Praça Dr. Otto Schmiedt
- 34 Bom Sucesso
- 40 Corais
- 46 Expodireto Cotrijal
- 52 CTG
- 58 Patrimônio ambiental
- 64 O churrasco gaúcho
- 68 Café colonial
- 72 Chimarrão





A cidade da gente chama-se Não-Me-Toque. Logo adiante você vai conhecer as origens desse nome curioso, escolhido em votação por nossos pais. Sim, pois antes, por um curto período, a cidade era chamada de Campo Real. E hoje somos naometoquenses com muito orgulho.

Não-Me-Toque fica no Rio Grande do Sul, no Planalto Médio, próxima a importantes cidades como Passo Fundo, Carazinho e Ijuí. Hoje, vivem aqui mais de 16 mil pessoas, a maioria trabalhando na produção agrícola e pecuária – quer dizer, cultivando o trigo, a soja e o milho, criando gado ou trabalhando nas diversas empresas ligadas ao agronegócio. O município apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano, o famoso IDH, bem alto. Nossa nota é 0,765 e significa que aqui é um lugar muito bom de viver.

Foi no início do século XIX que começaram a existir fazendas nessa região, trazendo senhores portugueses e africanos escravizados. Com o fim da escravidão e a chegada de diversas levas de imigrantes europeus, o nosso Rio Grande recebeu muitos alemães e italianos, no centro e parte da Serra. Mas veio tanta gente, que essas colônias, as Colônias Velhas, ficaram superlotadas. O jeito então foi buscar as terras do Planalto Médio, e em 1897 fundaram aqui a Colônia do Alto Jacuhy.

Em 1949, novos imigrantes vieram animar Não-Me-Toque. Eram todos da Holanda, e por este fato aqui é considerado o berço da imigração holandesa no Rio Grande do Sul. Nessa época, ainda éramos distrito da cidade de Carazinho. Mas depois de muita conversa e mobilização, conseguimos nossa autonomia, e em 18 de dezembro de 1954 foi criado oficialmente o município de Não-Me-Toque.

Hoje nós temos o título de “Capital Nacional da Agricultura de Precisão”, dado à nossa cidade pela Presidência da República. Sabe por quê? É que no ano de 2000 começou aqui um projeto pioneiro: o Projeto Aquarius. Usando tecnologia de ponta, ele traz melhorias para a agricultura, analisa as variações da terra e do clima e faz com que o uso da chamada automação agrícola possa ser realizado em larga escala. Assim, poucos trabalhadores podem produzir muito, muito alimento. Viu como também somos modernos aqui no interior?

É crescendo com essa história toda estão milhares de crianças, que frequentam nossas escolas, passeiam pelas avenidas, brincam nas praças e áreas de lazer. E foi com a participação de todas as escolas públicas da cidade, com toda a sua paixão e envolvimento, que conseguimos publicar este livro: um olhar amoroso sobre essa cidade, que afinal é de todos nós.

Avenida Alto Jacuí

Quando Não-Me-Toque era uma vila, contendo apenas um aglomerado de casas, foi criada uma rua. Ficava no alto de uma coxilha, na direção norte-sul. Era a Rua Alto Jacuí. No início de sua história, ela contava com o escritório de colonização de terras, a casa comercial de Antoninho Graeff, a igreja evangélica, o Hotel Alto Jacuí e algumas casas de comércio.

A vila cresceu, atraiu mais moradores, o comércio se desenvolveu, Não-Me-Toque se emancipou e a rua principal foi promovida: virou avenida, em 1965. Quem visita a cidade tem de passar por ela: tudo acontece por ali.

Lá na Casa de Cultura existe uma maquete, muito bem feita, sobre a nossa avenida. As crianças se divertem tentando reconhecer os pontos de comércio e os donos das casas. Essa maquete mostra como era a avenida na década de 1940.



Atualmente, a Avenida Alto Jacuí é uma via movimentada e dinâmica, por onde muitos carros, bicicletas e pedestres passam todos os dias. Lá está concentrada boa parte do nosso comércio, como foi desde o começo, mas agora eles já não se contam nos dedos. Há vários restaurantes, a Comunidade Evangélica, o hotel, e também o Clube União, a Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores e um trecho da Praça Dr. Otto Schmiedt.

Um estudante muito brincalhão da Escola Carlos Gomes disse que na avenida existem mais de 30 bancos. Os cinco bancos (onde se guarda dinheiro) e mais os 25 bancos da praça. Será que ele está certo?





As crianças adoram parar em frente ao número 681 da avenida, pois ali está uma casa muito conhecida, apelidada de “Casa dos Cataventos”. Seu dono, o senhor Kolrausch, tem em seu jardim uma variedade de cata-ventos, todos muito coloridos, de tamanhos bem variados. Esse jeito de brincar com o vento encanta as crianças e, quando uma rajada forte passa por ali, tudo vira uma grande festa.

Ao longo da história muitos desfiles e movimentos percorreram a Avenida Alto Jacuí: o dia da Independência, o Farroupilha, com muitos cavalos e cavaleiros, no dia 20 de setembro; desfiles de motoqueiros, protestos de agricultores, comemorações esportivas, políticas e religiosas. Todos querem festejar e se expressar na nossa bela avenida.



Casa da Cultura Dr. Otto Stahl



A Casa da Cultura é um lugar muito importante da cidade. Ali está preservada parte de nossa memória, com fotos, objetos e documentos. Ela é o nosso Museu, com M maiúsculo.

Ali foi a residência de uma pessoa muito importante na nossa história, o dr. Otto, um médico muito ativo, responsável pela fundação de dois hospitais, o Alto Jacui e o Santa Julia Biliart. Além disso, foi uma das lideranças do movimento de emancipação da cidade, presidente do Clube União e também político, sendo eleito vereador e o nosso primeiro Presidente da Câmara. Ele permaneceu na cidade até o início da década de 1960.





A casa de dr. Otto foi finalizada em 1929. Um arquiteto contou coisas importantes para os alunos que a visitavam: ela foi construída em estilo germânico, com sótão e telhado recortado, coberta de zinco; é toda de madeira, possui sete portas externas e um jardim com caminhos geométricos. Após a despedida de seus proprietários, foi destinada a outros fins, como escola de prendas domésticas para moças, sem alterar o seu traçado original.

Em setembro de 1990 o local foi transformado na Casa da Cultura Dr. Otto Stahl e em dezembro de 2006 foi tombada como patrimônio histórico. Mas preste atenção: para quem trabalha com patrimônio histórico, *tombado* não significa derrubar, jogar no chão, demolir. É justamente o contrário: o prédio tombado é aquele que ninguém pode alterar e deve ser preservado para sempre.



Ali encontramos um arquivo histórico e um rico acervo de livros, fotografias, roupas étnicas e gaúchas, além de incríveis coleções de moedas, indumentária, objetos religiosos e do mundo do trabalho.



Há ainda coleções de lápis, canetas, canecos de chope, discos de vinil, roupas típicas ligadas às etnias, uma boneca de 98 aninhos e os incríveis equipamentos da Rádio Ceres. A máquina de escrever, avô do computador, está lá. E também máquinas fotográficas – sem telefone embutido –, que usavam filmes. É uma gostosa viagem no tempo.



E a nossa Casa da Cultura é muito musical. Mantém um coral infantil, um juvenil e aulas de violão para jovens. Lá acontecem muitas exposições e ainda uma tarde de chá bem especial, o “Chá com roda de histórias e memórias”.

Dr. Otto era uma pessoa muito simpática, brincalhona, e gostava de estar perto das crianças. Durante o período da Páscoa, ele costumava esconder ovos nos jardins da casa e convidar as crianças para tentarem encontrá-los.

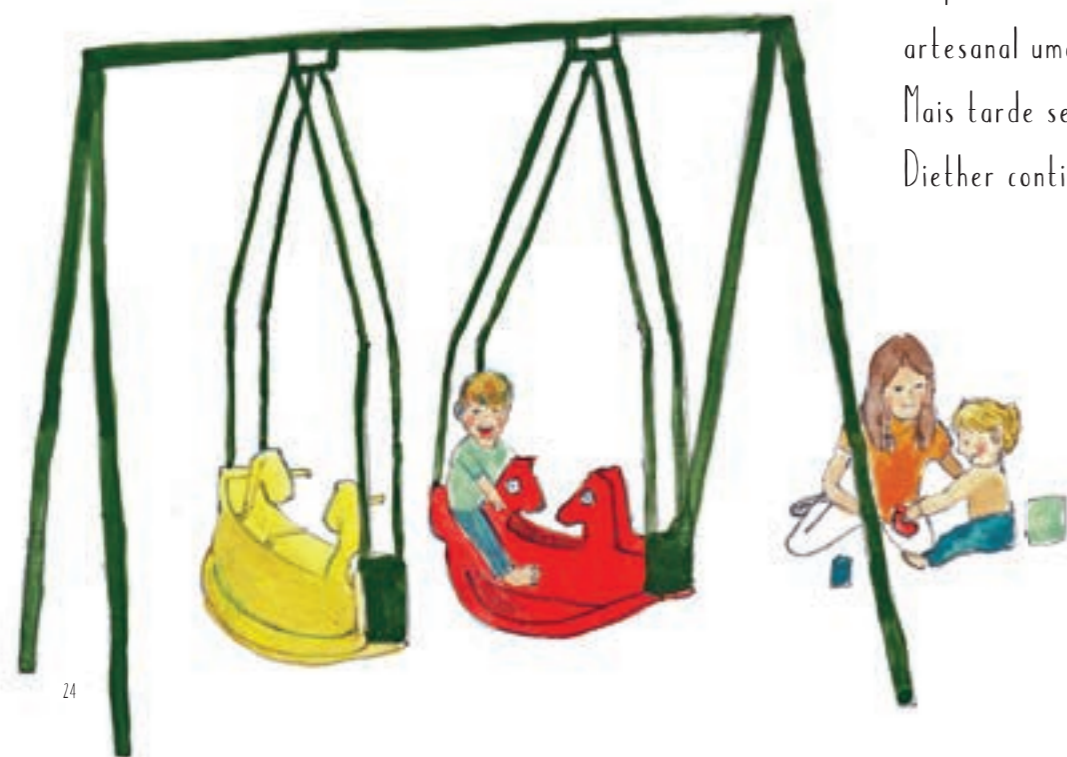


Isso deu origem a um evento que ficou famoso: a Páscoa no Jardim da Casa da Cultura, com enormes coelhos decorativos espalhados, apresentações de dança e canto, contação de histórias para as crianças. Neste período, o local recebe um grande número de visitantes e se enche de luzes e cores.

Praça Dr. Otto Schmiedt

A Praça Dr. Otto Schmiedt é a principal praça da cidade. E não é à toa: ali estão as duas principais igrejas, as casas étnicas, a casa dos Artesãos, o Centro de Informações, a Academia de Saúde, o Altar da Pátria, o parque infantil, e muitas espécies de árvores. É onde todos se encontram, conversam, descansam e também aproveitam para tomar o seu chimarrão.

O dr. Otto nasceu na Alemanha e veio para cá em 1904. Sendo médico, instalou consultório na cidade, montou um laboratório, improvisou um pequeno hospital e até mesmo criou de forma artesanal uma vacina contra variola! Mais tarde seus filhos Ingbert e Diether continuaram seu trabalho.



Aquele chimarrão gostoso, a conversa com os amigos, o descanso à sombra numa tarde quente ouvindo sabiás e bem-te-vis, o namoro num banco perto das flores, são coisas que acontecem na praça desde o início da então vila de Não-Me-Toque. É o local preferido de todos, ao longo da nossa história.

A praça muda com a passagem dos meses. No inverno, as árvores ficam com poucas folhas; na primavera, se enchem de flores; em dezembro, recebem luzes e decorações natalinas, e todos vêm para cá festejar.

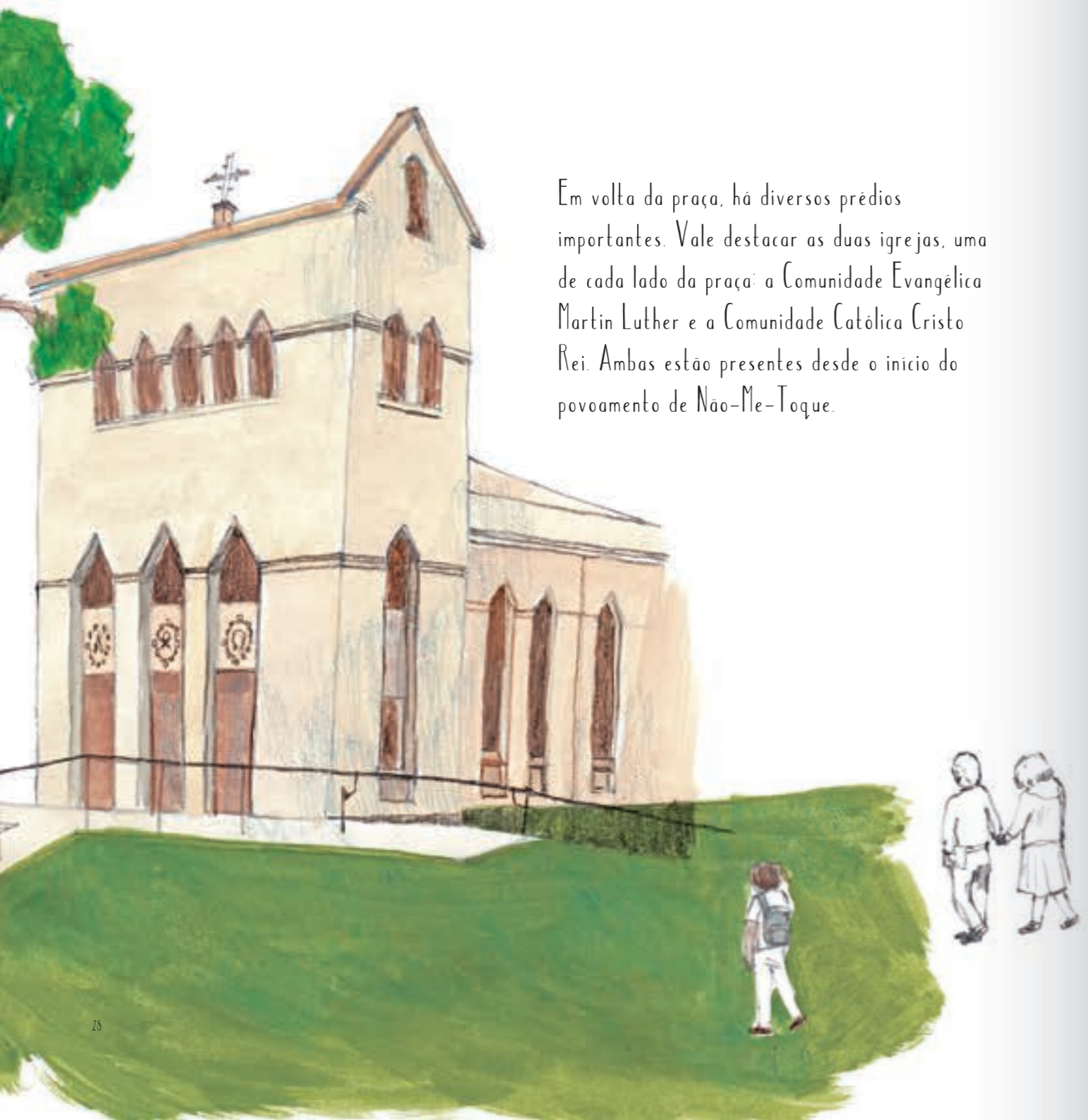


Caminhando pela praça você pode observar diversas espécies de árvores, como ipê-amarelo, araucária, canela, angico, paineira, sarandi e até um arbusto de não-me-toques, com todos os seus espinhos.

E também há vários monumentos. O mais antigo é um obelisco que marca o centenário da imigração alemã, de 1924, mas há também os monumentos às etnias fundadoras e à carta testamento de Vargas, o busto do dr. Otto e o Altar da Pátria, onde acontecem cerimônias cívicas.

O parquinho Cristiano Melchior é o lugar preferido das crianças, porque possui diversos brinquedos, muita areia e sempre está com muitas famílias em torno.

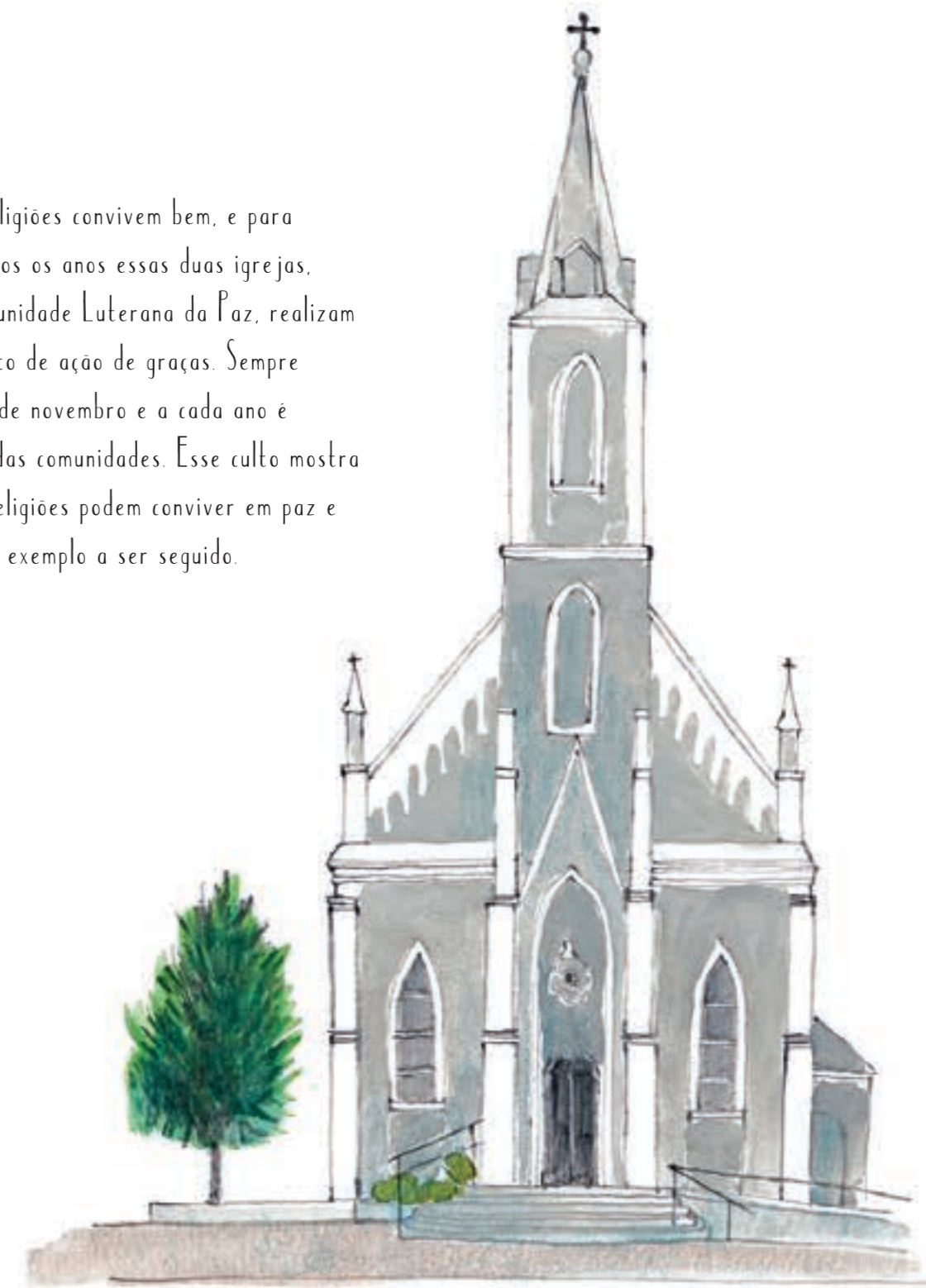




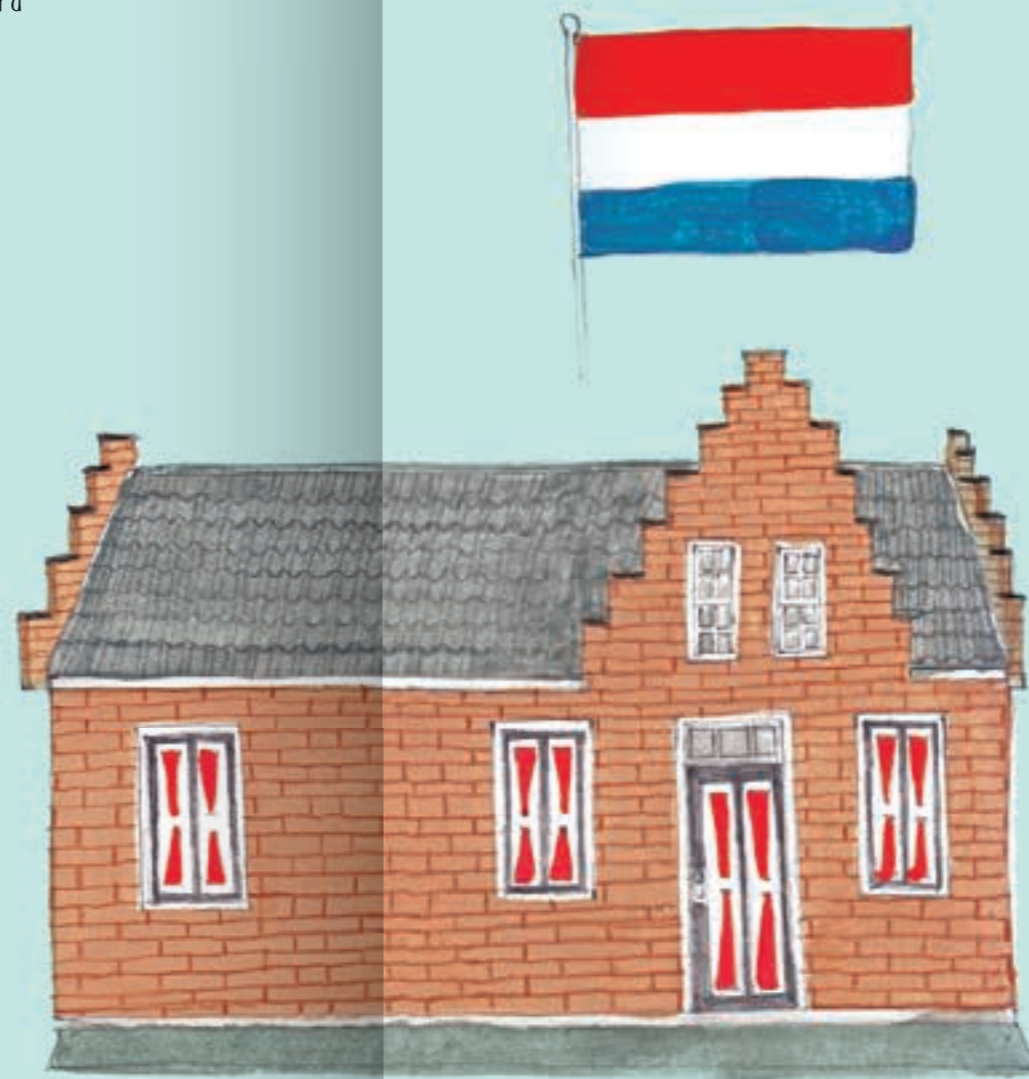
Em volta da praça, há diversos prédios importantes. Vale destacar as duas igrejas, uma de cada lado da praça: a Comunidade Evangélica Martin Luther e a Comunidade Católica Cristo Rei. Ambas estão presentes desde o início do povoamento de Não-Me-Toque.



Aqui todas as religiões convivem bem, e para mostrar isso, todos os anos essas duas igrejas, junto com a Comunidade Luterana da Paz, realizam um culto ecumênico de ação de graças. Sempre acontece no mês de novembro e a cada ano é sediado em uma das comunidades. Esse culto mostra que diferentes religiões podem conviver em paz e cooperação. É um exemplo a ser seguido.



Além dos alemães, Não-Me-Toque é marcada pela presença de grupos importantes de outras origens e, pensando em homenagear e preservar a memória desses lugares de onde vieram seus antepassados, o povo da cidade se organizou para fazer na praça as casas étnicas. Foram então construídas, a partir do ano 2000, as casas dos alemães, dos holandeses, dos italianos e do CTG (Centro de Tradições Gaúchas).



No período do Natal, essas casas abrem suas portas, mostram seus costumes e servem deliciosas comidas típicas. E o Natal Étnico ainda tem apresentação de artistas da música, teatro e dança. A população, à tardinha, vai toda para a praça levando suas cadeiras, e se delicia com os quitutes típicos e os espetáculos artísticos. Até o Papai Noel aparece por lá. É o maior evento que acontece em nossa praça.



Bom Sucesso

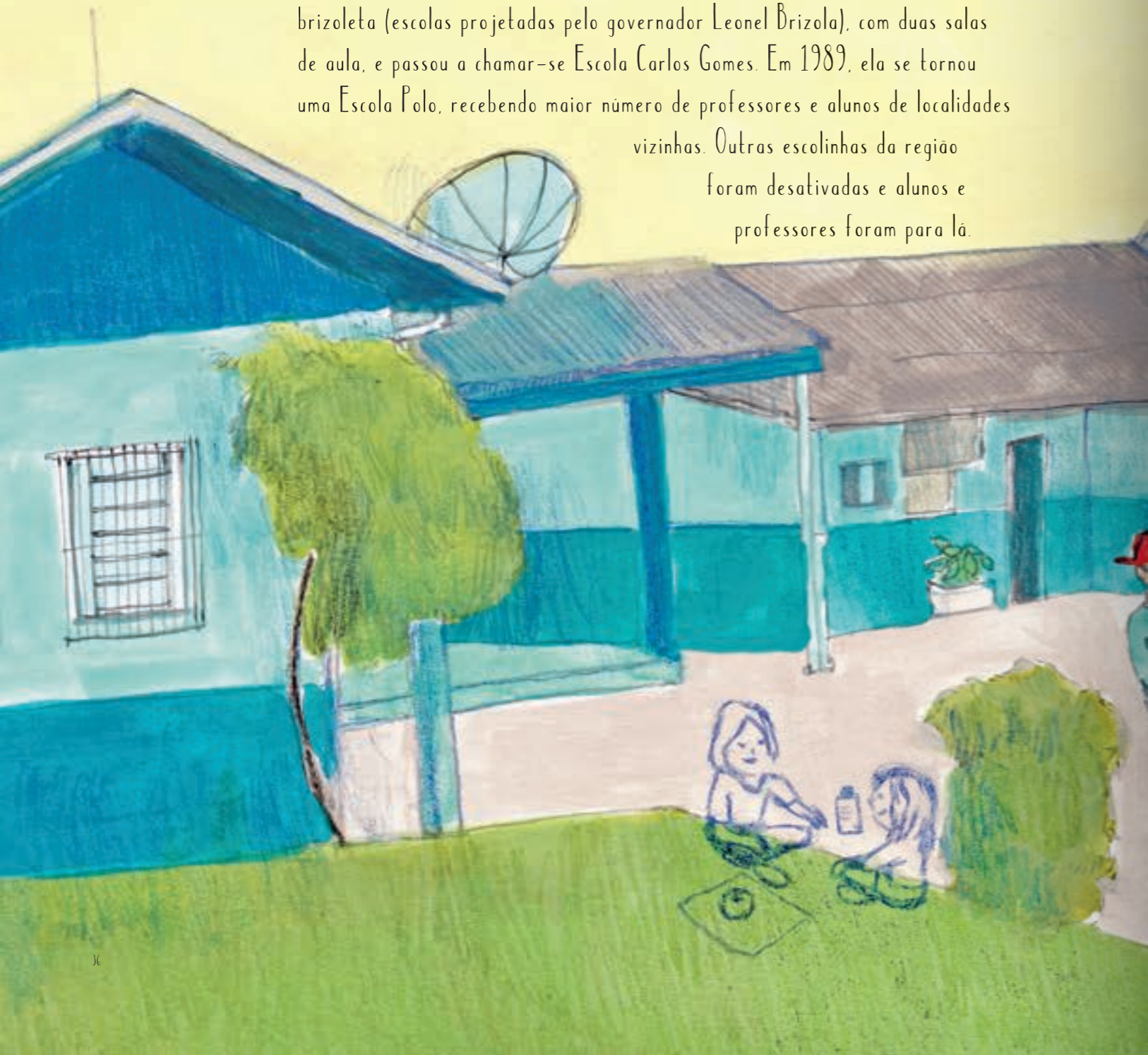
No alto de uma coxilha, a uma distância de 11,5 km do centro de Não-Me-Toque, está a localidade de Bom Sucesso, que tem sua origem na antiga fazenda do capitão Bernardo Pereira de Quadros: a Fazenda Bom Sucesso, fundada em 1845. Por volta de 1890, colonos de origem alemã e italiana chegaram direto de seus países para trabalhar na fazenda. A partir daí foi surgindo um povoado, com diversas casas, uma escola, a igreja dedicada a São Miguel, casas comerciais, açougue e salão de baile, além de manufaturas coloniais como moinho, atafonas e carijô de erva.

A primeira igreja foi construída em 1926. Já a atual surgiu nos anos 1970. Seu padroeiro é São Miguel, muito cultuado pelos fazendeiros de origem portuguesa. As missas são rezadas mensalmente e a festividade mais importante da localidade é a festa do padroeiro, que ocorre em setembro.

Desde então, a agricultura e a criação se desenvolveram e, já recentemente, nos anos de 1970 e 80, se modernizaram bastante. Hoje, elas são completamente mecanizadas, com alta produtividade, e são a principal fonte de renda da população local. Lá tem cultivo de soja, trigo, milho, cevada, aveia, frutas e hortaliças, e são criados diversos animais, especialmente o gado leiteiro. Nessas últimas décadas, também se iniciou um grande êxodo rural e a população de Bom Sucesso diminuiu muito. Atualmente a localidade conta com apenas onze moradias no povoado e diversas propriedades rurais.



Seguindo a máxima que diz que onde tem criança é preciso ter escola, a primeira escola de Bom Sucesso foi fundada oficialmente em 1916. Chamava-se Olavo Bilac e funcionava numa casa pequena e simples de uma sala só. Em 1963 a escola, que estava bem velhinha, foi reconstruída no estilo brizoleta (escolas projetadas pelo governador Leonel Brizola), com duas salas de aula, e passou a chamar-se Escola Carlos Gomes. Em 1989, ela se tornou uma Escola Polo, recebendo maior número de professores e alunos de localidades vizinhas. Outras escolinhas da região foram desativadas e alunos e professores foram para lá.

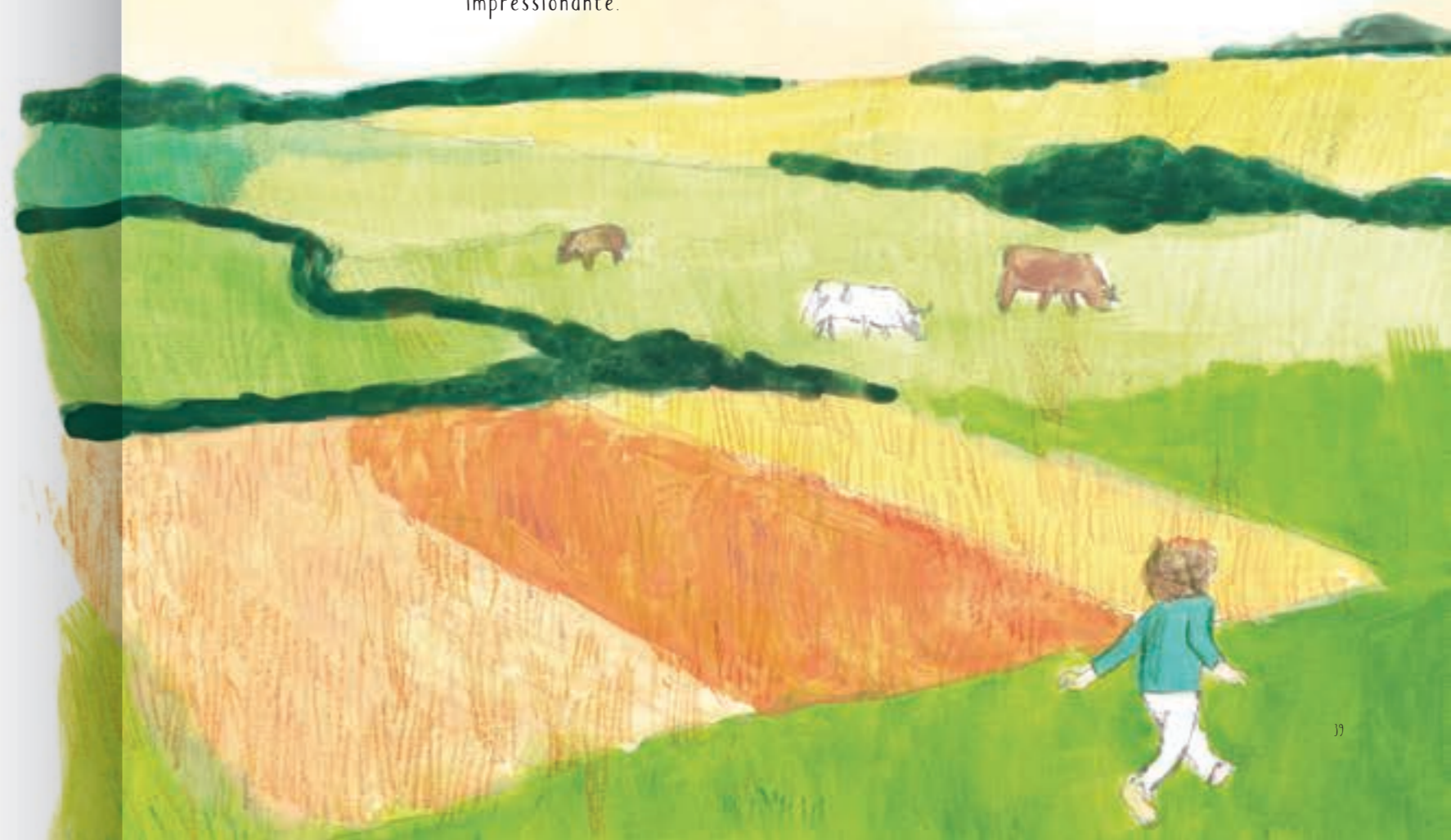


Atualmente, a Escola Carlos Gomes conta com 125 alunos da zona rural e também da cidade. Ela é bastante procurada, pois está situada num local tranquilo, possui turmas pequenas e boa qualidade de ensino. A escola faz o resgate de brincadeiras tradicionais, como roda, caçador, esconde-esconde, amarelinha, e também oferece aos alunos atividades como jardinagem, cuidados com a horta e um "espaço verde". As crianças de Bom Sucesso são felizes da vida: vivem em contato direto com a natureza, seja na escola ou no seu tempo livre, subindo em árvores, pescando no Rio Colorado, jogando futebol.

Para as crianças, o importante é estudar e brincar. Mas elas não deixam de dar uma ajuda aos pais no trabalho. Buscam objetos, tratam dos animais, colhem frutas. As meninas ajudam na limpeza da casa, e os meninos, no jardim. E todos, sem exceção, querem aprender a dirigir o trator e a caminhonete.



É quando o assunto é o lugar onde vivem, nos contam sobre muitas coisas interessantes que podem ser vistas por lá. Há a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, o campo de futebol, o pavilhão do Esporte Clube Aimoré, um grande salão de festas e o cemitério. E garantem que quem olha de cima de alguma elevação pode ver que a região varia seu colorido conforme a época do ano e os cultivos: vários tons de verde e amarelo, ou o marrom-escuro do solo fértil. A cena é mais bonita quando se observa o vale do Rio Colorado, especialmente ao nascer do sol, e há quem diga que quando a cerração se levanta, tudo fica ainda mais impressionante.



Corais

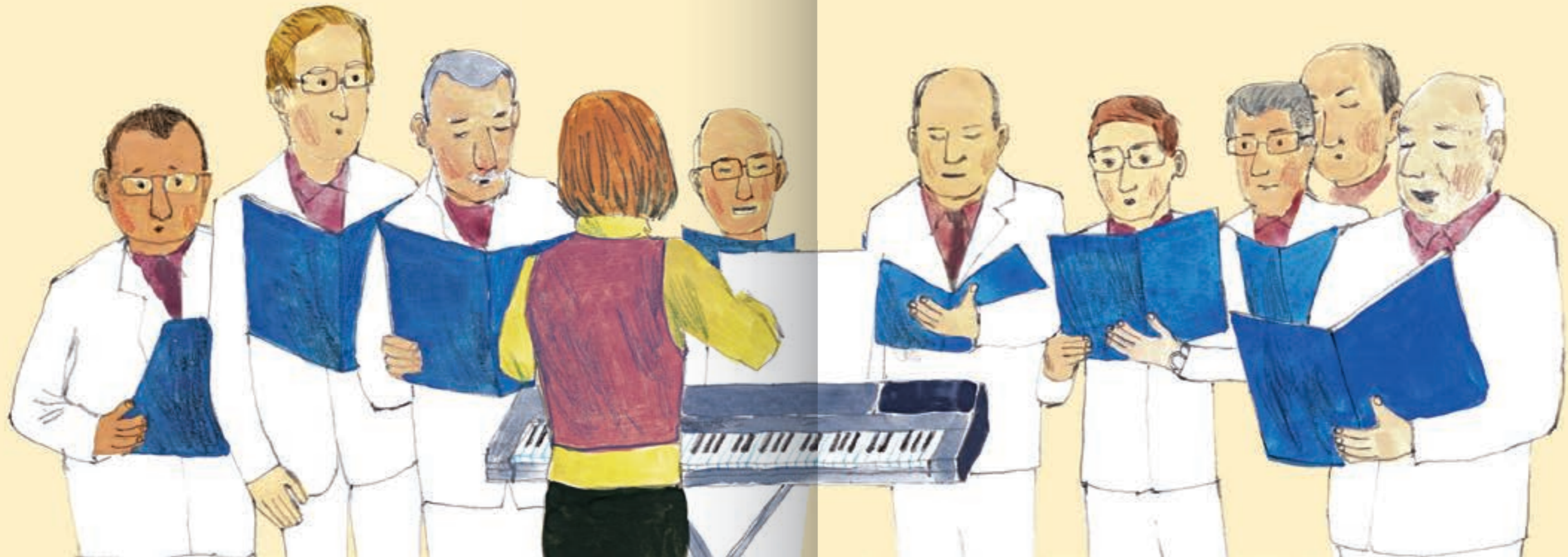


A cultura do canto coral faz parte da nossa tradição. Existem muitos corais espalhados pela cidade e pelo interior, envolvendo de crianças até a terceira idade. O canto coral é uma contribuição dos imigrantes alemães, que chegaram ao nosso estado a partir de 1825.

Os corais incentivam o gosto pela música e pelo canto, despertando o interesse dos jovens para a arte. E eles são um dos elos mais importantes para a preservação da língua e da cultura dos nossos antepassados.

Alguns de nossos corais são: Coral Municipal adulto, Coral Municipal infantojuvenil, Coro Misto e Sociedade de Cantores Gonçalves Dias, de Invernadinha, Associação de Cantores São José e Coral Harmonia, de São José do Centro, e Coral Sempre Alegre, da Linha São Paulo. Além disso, existem muitos outros organizados nas escolas particulares e estaduais, clubes de mães e associações culturais.

A Sociedade de Cantores Gonçalves Dias, de Invernadinha, é o mais antigo coral de Não-Me-Toque. Ele foi fundado em 15 de novembro de 1915, portanto já é centenário. É um coral que, desde a sua fundação, é composto exclusivamente de vozes masculinas, numa tradição que passa de pai para filho.



O seu repertório traz cantos onde são reverenciadas as origens germânicas, a saudade da terra natal, a alegria dos costumes do povo, entre outros temas. Ainda hoje, o coral interpreta músicas na língua alemã.

Além de realizar anualmente o seu Baile Social, o coral da Sociedade de Cantores Gonçalves Dias é muito ativo, participando de dezenas de eventos culturais e religiosos. É sempre está em busca de captar a simpatia dos jovens, para garantir assim a sua continuidade.

A maioria das crianças de nossa cidade participa ou já participou de algum coral; a música faz parte de suas vidas. E há uma música que todos cantam, sempre, que é o hino da cidade.

Em janeiro de 2015, a cidade escolheu seu hino, através de votação popular, num concurso promovido pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto. O pseudônimo "Belas Canções", de Julia e Daniel Khun, venceu outros dois concorrentes e agora é o hino a ser cantado por todos.



A pedido dos alunos, transcrevemos o refrão do hino:

*Honra, Não-Me-Toque, ao teu nome se renda!
É orgulho do povo e de lidima glória
Do índio ao branco vem esta lenda,
Tem raízes profundas na tua história
És Capital Nacional da Agricultura de Precisão
É mereces nosso orgulho mais profundo
Não-Me-Toque, que me toca o coração,
Tuas prendas te projetam para o mundo.*



Expodireto Cotrijal



A cooperativa Cotrijal realiza há 16 anos uma feira internacional muito importante. É uma das maiores feiras de agronegócio do país. Chama a atenção de todos pela organização, pela variedade de atrações e, claro, por sua grandiosidade.

Ela sempre acontece no mês de março, no nosso parque de exposições, e seu nome oficial é Expodireto Cotrijal – Feira Internacional. São mais de 400 expositores trazendo novidades para um público de mais de 200 mil pessoas, durante cinco dias. É muito interessante essa mistura de línguas e sotaques, afinal há visitantes de 70 países e cinco continentes.



O parque tem uma área enorme – são 84 hectares. E sabem quantos metros tem um hectare? Acertou quem disse que são 10.000 metros quadrados. Então é só multiplicar por 84 para imaginar como a Expodireto é grande.

Durante a feira, esse espaço todo fica dividido entre a área de máquinas agrícolas, o pavilhão da agricultura familiar, a casa do meio ambiente, o espaço da natureza, onde estão um lago e um bosque, a área experimental, o pavilhão internacional, e vários outros.



Na última feira, as maiores delegações foram as da Alemanha, Nigéria, Angola e Irã. E estiveram pela primeira vez visitando Não-Me-Toque os representantes da Malásia, Irlanda, Mauritânia e Bielorrússia. Quem diria: tanta gente, do mundo todo, interessada em nossas atividades!



O dia da visita das crianças à Expodireto é sempre na terça-feira, e vira uma festa. Elas são dispensadas das aulas para aproveitar ao máximo.

Uma das atividades que elas adoram é assistir às apresentações de teatro, com temas que vão de histórias tradicionais até temas ecológicos.



Mas há muitas outras atividades incríveis: elas visitam a casa do meio ambiente, caminham na região do lago e também passeiam no Dim Dinho, que são vagões puxados por um trator. Podem ver os animais e tirar fotos com eles. Há helicópteros que fazem voos panorâmicos, e várias crianças muito corajosas já viram nossa cidade do alto. E há diversos locais para fazerem seu lanche. Na casa da agricultura familiar são oferecidas delícias regionais, como cuca, salame, queijo, *schmier*, doces e sucos. É uma visita que alegra toda a criançada e sempre deixa boas recordações.





Será que todo mundo sabe que "CTG" é Centro de Tradições Gaúchas? E "tradições"? Nessa palavra cabe tanta coisa: os costumes, as danças, as comidas, o trato com os animais, as histórias bem contadas nas mateadas... A missão dos CTG é manter na memória o que é ser gaúcho, preservando esses saberes para as novas gerações.

O nosso CTG se chama Galpão Amigo. E já tem mais de 40 anos, pois foi fundado em 15 de março de 1973. Depois de muito pensar, o grupo fundador escolheu seu lema. E é muito interessante: "Rio Grande, um por todos e todos por ti".

O CTG é uma verdadeira usina de eventos. É atividade o ano inteiro. Querem ver? Organizam os Festejos Farroupilhas, com acendimento da chama. A cavalgada anual. O Culto Crioulo. Além dos jantares típicos, concurso para escolha da primeira prenda. E, é claro, o Sarau da Prenda Jovem, que no resto do Brasil leva o nome de baile de debutantes.



E não acabou, pois promovem o festival Oiga-Le Tchê para estudantes, além de oferecer palestras e debates sobre a cultura gauchesca. Para difundir suas muitas atividades, o CTG construiu sua própria casa na Praça Dr. Otto Schmiedt. E fica está ao lado da casa dos italianos, da dos alemães e da dos holandeses.

As crianças aprendem a usar as vestimentas tradicionais desde cedo. Para a menina, é o vestido de prenda, saia de armação, sapatilha e lacinho no cabelo. E os meninos usam bombacha, alpercata ou bota, lenço, boina ou chapéu. Todos ficam muito faceiros.

Mas você acha que é só isso? No Departamento Campeiro, além da invernada, quando participa de rodeios e tiros de laço, o CTG mantém ativo um grupo de cavalgadas, os Cavaleiros da Tradição. Eles participam do circuito regional de cavalgadas, com 11 eventos anuais. O CTG tem agenda cheia o ano inteiro. Participam da Festa Campeira do Rio Grande do Sul (Fecars) e do Encontro de Artes e Tradições Gaúchas (Enart). O Enart é considerado o maior festival de arte amadora da América Latina, segundo a Unesco. Suas disputas envolvem danças tradicionais, declamação, canto, gaita e violão.

Contamos só o que é feito em Não-Me-Toque, mas existem CTGs pelo Brasil inteiro e mesmo em outros países. Embora não exista uma pesquisa que defina o número exato dessas “embaixadas gaúchas”, comece multiplicando essas atividades por 3.000, que são apenas os CTGs gaúchos. E ainda existem outras células espalhados na maioria dos estados brasileiros, em Portugal, em Israel, nos Estados Unidos. Será que já existe na China também?

CTG Deserto da Saudade

Israel

CTG Distante do Pago

717 Broadway Everett, MA - EUA

CTG Índio José

Santa Rita - Alto Paraná - Paraguai

CTG Pedro Álvares Cabral

Lisboa - Portugal

CTG Querência do Norte

Toronto - Canadá



Patrimônio ambiental



A região de Não-Me-Toque tem um belo patrimônio ambiental, e vamos falar de duas espécies escolhidas pelas escolas para representá-lo neste livro. Uma delas é o pinheiro brasileiro, que tem o nome científico de *Araucaria angustifolia*. E a outra não poderia deixar de ser o não-me-toques (*Dasyphyllum spinescens*), arbusto também conhecido como espinho-de-santo-antônio ou sucará, que era abundante em nosso estado no período da colonização.

O tronco do não-me-toques é curto e recoberto de espinhos de 3 a 4 cm. É bom tomar cuidado, pois esses espinhos são bem afiados. Hoje é uma planta rara, mas que ainda pode ser encontrada na Praça Dr. Otto Schmieidt e também na Casa da Cultura, onde é cuidada com muito carinho pelos seus funcionários.

Você deve estar pensando que não pode ser à toa que este simpático arbusto tem o mesmo nome que a cidade. Realmente, um fato curioso é que uma das versões para o nome da nossa cidade vem justamente dessa planta. Mas existem outras versões, como a que nos contou a historiadora Eliane Quadros, da Casa da Cultura, que muito ajudou na feitura desse livro.



Ela conta que há muito tempo o senhor Possidônio de Ribeiro de Santana Vargas possuía uma fazenda próxima do local onde surgiria a cidade de Não-Me-Toque. E lá morava com sua família, num ambiente de muita tranquilidade. Com o passar do tempo, a esposa e as filhas passaram a pressioná-lo para que se mudasse para perto de um lugar maior; no caso, o arraial de Carazinho. Possidônio tinha paixão pela sede da fazenda e retrucou: "Posso distribuir terra em vida para vocês, mas exijo uma condição: daqui não me toque". E a partir desse episódio passaram a se referir ao lugar como o "Não me toque do papai" ou o "Não me toque do Seu Possidônio". Não é uma boa história?



Originalmente, as araucárias, árvores símbolos da Região Sul, cobriam 17% das terras no nosso estado. Elas costumam ficar nas regiões mais altas, e abrigam junto a elas todo um ecossistema de fauna e flora, mantendo-os em equilíbrio. Os animais mais comuns entre os pinheirais são a gralha-azul, o papagaio-charão e a cutia.

Popularmente conhecida por pinheiro-brasileiro, a araucária é uma das mais belas e úteis das nossas árvores nativas. Pode alcançar até 50 m de altura, e seu fruto, a pinha, contém até 150 sementes – os pinhões, que são muito nutritivos e apreciados tanto pelos animais quanto pelos humanos. Quem já não provou um delicioso arroz de pinhão?

Infelizmente, a árvore está na lista das espécies da flora ameaçadas de extinção. Durante a primeira metade do século XX, muitas florestas foram derrubadas e muitas serrarias foram criadas na região do Alto Jacuí. Com a chegada da soja e da mecanização agrícola, mais florestas se foram e o nosso pinheiro foi ficando cada vez mais difícil de se encontrar. Hoje, ainda podemos vê-lo na região, em espaços domésticos, áreas de difícil acesso ou parques e áreas protegidas. É importante que todos saibam disso, para lutar para que a araucária possa sair em breve dessa triste lista.



O churrasco gaúcho

Domingo é dia sagrado para o gaúcho fazer churrasco e é sempre motivo para reunir a família e os amigos. Os assadores vão para a área da churrasqueira, com o chimarrão bem cevado e música gaúcha nas caixas de som: Teixeira, Os Serranos e Os Monarcas não podem faltar.



As crianças adoram participar dos churrascos, mas não podem fazer tudo o que querem. Pois há o perigo do fogo, da faca e do espeto. Além disso, há o "ciúme" dos assadores, que não deixam os guris e as gurias se aproximarem muito.

Como o ato de assar o churrasco é uma atividade tipicamente masculina, as mulheres fazem os complementos e as crianças ajudam picando temperos, arrumando as saladas, levando algum objeto que por acaso foi esquecido. Eles também auxiliam servindo os aperitivos: lingüicinhas ou carne picada com farinha de mandioca, para agradar os presentes até o churrasco ficar pronto.



E sabem onde tudo começou? O nosso churrasco gaúcho surgiu no pampa, essa bela região de campos da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, no final do século XVII. Os caçadores do gado selvagem, mais tarde apelidados de gaúchos, assavam carne espetada em varas em fogo de chão. Mais tarde, vieram os tropeiros, que levavam boiadas do Sul para diversos pontos do país, e o costume se espalhou. O churrasco é a nossa comida típica mais importante, grande marca da cultura gaúcha.



Os melhores cortes para o churrasco são a alcatra, a maminha, a picanha e a costela. Como complementos, temos a linguiça, o galeto, carne de ovelha e de porco. Nos dias de semana, são servidos arroz e salada verde. E nos domingos, uma deliciosa maionese de batata. Quem já ficou com fome ao ler esse texto, que levante a mão!

Em sua redação, um aluno nos deu uma informação muito interessante: até os vegetarianos participam dos churrascos para não perderem o convívio da família e dos amigos. Para eles, além das saladas e maionese, são colocadas no espeto cebolas e pimentões.



Café colonial

O *café colonial* é um costume trazido pelos imigrantes alemães que se espalhou pela região Sul do Brasil. E não era para menos. É uma festa para o paladar e para os olhos também. A mesa cheinha de doces, salgados e bebidas deixa adultos e crianças com água na boca.

A diferença é que o nosso café colonial recebeu receitas e pratos de outros imigrantes europeus (holandeses, portugueses, italianos, poloneses) e africanos. Ele é servido em locais especializados, em festas comunitárias e até mesmo em casas particulares em momentos especiais como aniversários e encontros de amigos.





Para um bom café colonial, veja o que não pode faltar.

Bebidas: café com leite, chá, chocolate quente, sucos de laranja, abacaxi ou uva.

Salgados: salame, morcilha, linguiça aferventada, torresmo, queijo, pastel, croquete, canudinho de maionese, panelinha de maionese ou carne, enroladinho de salsicha, torta salgada bolo, prensadinho de pão e legumes, polenta frita.

Doces: além de bolos e tortas diversas, temos o *vlaai*, bolo com a massa bem fininha e recheio de baunilha com creme de pêssego e amora. Tem também a *cueca virada*, um bolinho frito muito comum em dia de chuva. É mais o pufe de polvilho, a bolacha pintada, o *waffle*, a compota de frutas, o rocambole, pudins e claro, a tradicional *cuca*.

É pra quem pensa que acabou, ainda faltam os complementos: mel, melado, geleia, nata, manteiga e o *schmier*, que é um doce com frutas feito para passar no pão, um pouco mais grosso que a geleia, e feito nos sabores pêssego, maçã, uva e goiaba. Agora é só sentar à mesa. É começar.



Chimarrão



Enfim, o chimarrão. Ele está em todo lugar. Em casa, na escola, no trabalho. No escritório ou na estância, no ônibus ou na charrete. É a bebida do Rio Grande do Sul. Um presente dos guaranis, mestres no cultivo da erva-mate.

A história diz que, quando o homem branco chegou às terras gaúchas, já encontrou os índios tomando o Caá-y, através do tacuapi, a primeira das bombas, que era feita de taquara. Hoje elas são feitas de prata ou outro metal.

*Rita se chama Ritoca
Sebastião chama Tatão
Cavalo de andar é pingo
Mate amargo é chimarrão
Quadra popular



Há quarenta anos, as crianças não podiam nem pensar em tomar chimarrão. Mas, de tempos para cá, elas tiveram seu desejo atendido e todos podem se divertir com cuia e bomba. Só que a cuia é feita sob medida para o público infantil. No início, eles tomam o mate amargo, mas depois de um tempo, pedem que se coloque açúcar. E são atendidos.

Como a água sempre precisa estar quente, nossos avós gostavam de tomar o chimarrão junto a um fogo de chão ou fogão a lenha. Mas uma invenção famosa ajudou nossa bebida a ficar ao alcance da mão, aonde a gente fosse: a genial garrafa térmica! Um aluno achou na internet uma frase muito interessante: "A garrafa térmica deu uma mobilidade ao gaúcho só comparada à do telefone celular ao homem moderno"! Não é verdade?



Cheio de significados e cercado de um grande folclore, o cerimonial do chimarrão deve ser respeitado, e vale a pena aprender suas sutilezas. Para passar a cuia para o próximo companheiro na roda de chimarrão, por exemplo, deve-se usar sempre a mão direita. E não se pode tomar um gole só – cada um deve acabar com a água da cuia e enchê-la novamente para o próximo da roda. E veja que tema curioso os alunos da cidade pesquisaram para a produção deste livro: o código amoroso do chimarrão, que releva o que uma pessoa quer dizer a outra dependendo de como prepara a bebida.

- Mate com açúcar: quero a tua amizade
- Mate com açúcar queimado: és simpático
- Mate com canela: só penso em ti
- Mate com mel: quero casar contigo
- Mate servido com a mão esquerda: você não é bem-vindo
- Mate frio: desprezo-te
- Mate lavado: vá tomar mate em outra casa
- Mate muito amargo: chegaste tarde, já tenho outro amor
- Mate com sal: não apareças mais aqui



Mas a verdade é que o chimarrão é só alegria.
Bem como diz o poeta de Não-Me-Toque:

*Chimarrão!
É o parceiro de quem mateia solito.
Amigo nas rodas de galpão.
Cuia santa que, de mão em mão,
Semeia a amizade no coração.*
*Édipo Neves, integrante do CTG Galpão Amigo





Edição: Otavio Nazareth

Projeto gráfico: Daniel Brito

Ilustração: Nara Isoda

Revisão: Fábio Bonillo

Produção editorial: Monique Rosa

Tratamento de imagens e produção gráfica: Ângelo Baima

Impressão: TypeBrasil

Agradecemos a toda a comunidade de Campo Verde, que nos recebeu de braços abertos e com muito interesse pelo projeto. Em especial, aos alunos, professores e funcionários das escolas participantes, à Secretaria Municipal de Educação de Campo Verde, a Simoni Borges e à equipe local da Monsanto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, José
Não-me-toque : a cidade da gente / José Santos ;
ilustração Nara Isoda. -- São Paulo : Editora Olhares, 2015.

ISBN 978-85-62114-53-3

1. Não-Me-Toque (RS) - História - Literatura
infantojuvenil I. Isoda, Nara. II. Título.

15-11366

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Não-Me-Toque : Rio Grande do Sul : Estado : História :
Literatura infantil 028.5

2. Não-Me-Toque : Rio Grande do Sul : Estado : História :
Literatura infantojuvenil 028.5

Patrocínio



MONSANTO



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Produção executiva

doble
cultura + social

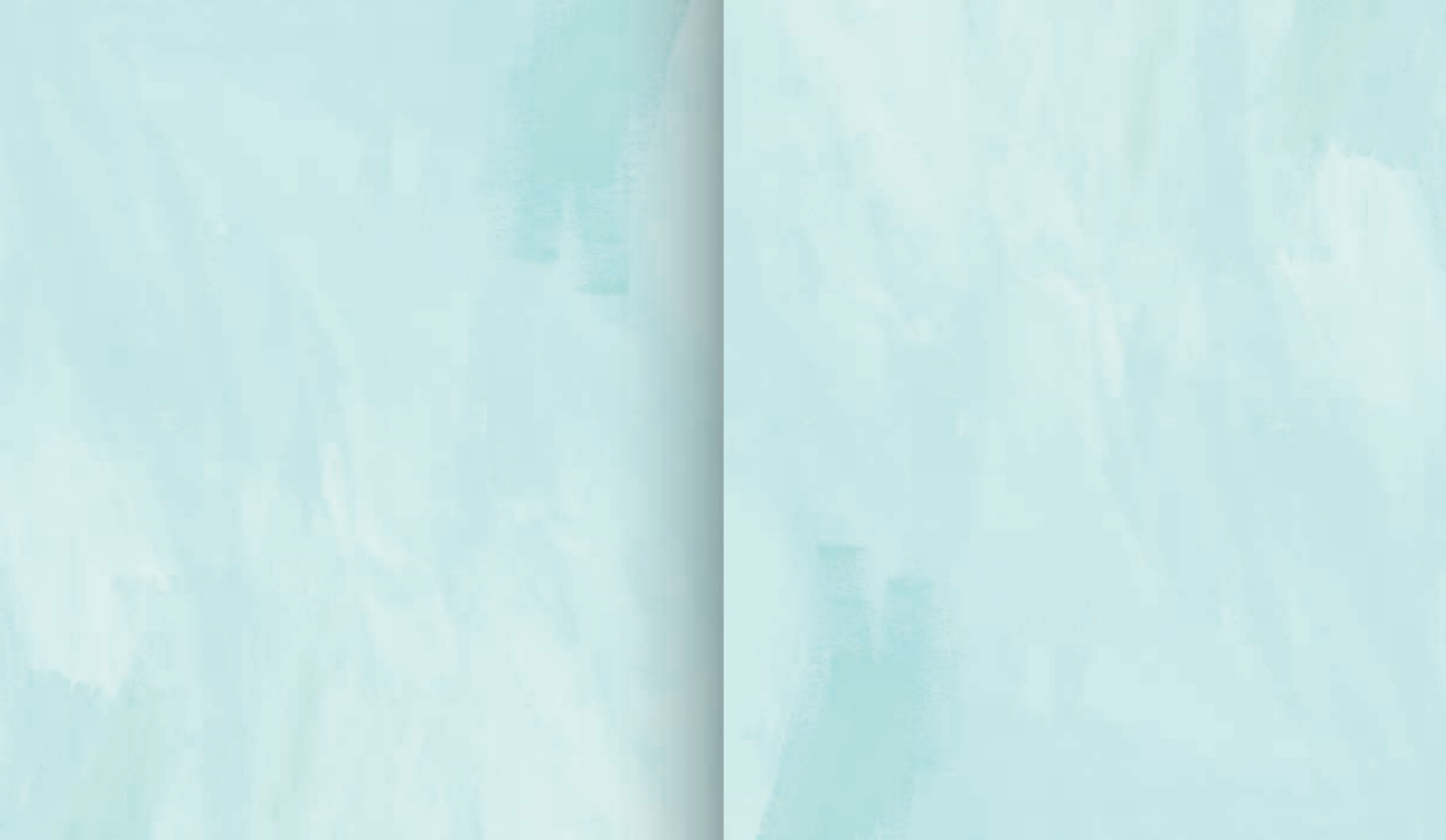
Apoio



OLHARES

© 2015 Editora Olhares e autores.

Este livro foi composto em Gotham e Tall Abbey,
impresso pela gráfica TypeBrasil sobre papel offset Fosco
150g em novembro de 2015.



Era uma vez Não-Me-Toque. Um dia a gente que morava lá percebeu que a história da cidade era a sua própria história... A Praça Dr. Otto Schmiedt, a tradição dos corais e o chimarrão fazem parte dessa história, contada com a ajuda das crianças da cidade.



MONSANTO



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

ISBN 978-85-62114-53-3

